

# Alguma ocorrência?

## Cenatexto

**N**a aula passada você viu uma cena bastante comum. Hoje vai haver mais confusão. De novo tem ônibus no meio da história.

*Na feira, a gorda senhora protestou a altos brados contra o preço do chuchu:*

*- Isto é um assalto!*

*Houve um rebuliço. Os que estavam perto fugiram. Alguém, correndo, foi chamar o guarda. Um minuto depois, a rua inteira, atravancada, mas provida de admirável serviço de comunicação espontânea, sabia que se estava perpetrando um assalto ao banco. Mas que banco? Havia banco naquela rua? Evidente que sim, pois do contrário como poderia ser assaltado?*

*- Um assalto! Um assalto! - a senhora continuava a exclamar, e quem não tinha escutado escutou, multiplicando a notícia. Aquela voz subindo do mar de barracas e legumes como a própria sirena policial, documentando por seu uivo a ocorrência grave, que fatalmente se estaria consumando ali na claridade do dia, sem que ninguém pudesse evitá-la.*

*Moleques de carrinho corriam em todas as direções atropelando-se uns aos outros. Queriam salvar as mercadorias que transportavam. Não era o instinto de propriedade que os impelia. Sentiam-se responsáveis pelo transporte. E no atropelo da fuga, pacotes rasgavam-se, melancias rodavam, tomates esborrachavam-se no asfalto. Se a fruta cai no chão, já não é de ninguém; é de qualquer um, inclusive do transportador. Em ocasiões de assalto, quem é que vai reclamar uma penca de bananas meio amassadas?*

*- Olha o assalto! Tem assalto ali adiante!*

*O ônibus na rua transversal parou para assuntar. Passageiros ergueram-se, puseram o nariz para fora. Não se via nada. O motorista desceu, desceu o trocador, um passageiro advertiu:*

*- No que você vai a fim de ver o assalto, eles assaltam a sua caixa.*

*Ele nem escutou. Então os passageiros acharam de bom alvitre abandonar o veículo, na ânsia de saber, que vem movendo o homem desde a idade da pedra até a idade do módulo lunar.*

*Outros ônibus pararam, a rua entupiu.*

*- Melhor. Todas as ruas estão bloqueadas. Assim eles não podem dar no pé.*

*- É uma mulher que chefia o bando!*

*- Já sei. A tal dondoca loura.*

*- A loura assaltava em São Paulo. Aqui é a morena.*

*- Uma gorda. Está de metralhadora. Eu vi.*

- *Minha nossa senhora! O mundo está virado!*
- *Vai ver que está caçando é marido.*
- *Não se brinca numa hora dessas. Olha aí sangue escorrendo.*
- *Sangue nada, tomate!*

*Na confusão, circularam notícias diversas. O assalto fora a uma joalheria, as vitrinas tinham sido esmigalhadas a bala. E havia jóias pelo chão, braceletes, relógios. O que os bandidos não levaram na pressa era, agora, objeto de saque popular. Morreram, no mínimo, duas pessoas e três estavam gravemente feridas.*

*Barracas derrubadas assinalavam o ímpeto da convulsão coletiva. Era preciso abrir caminho a todo custo. No rumo do assalto, para ver, no rumo contrário, para escapar. Os grupos divergentes chocavam-se, e às vezes trocavam de direção: quem fugia dava marcha à ré, quem queria espiar era arrastado pela massa oposta. Os edifícios de apartamentos tinham fechado suas portas, logo que o primeiro foi invadido por pessoas que pretendiam, ao mesmo tempo, salvar o pêlo e contemplar lá de cima. Janelas e balcões apinhados de moradores, que gritavam:*

- *Pega! Pega! Correu para lá!*
- *Olha ela ali!*
- *Eles entraram na Kombi ali adiante!*
- *É um mascarado! Não, são dois mascarados!*

*Ouviu-se nitidamente o pipocar de uma metralhadora, a pequena distância. Foi um deitar no chão geral e, como não havia espaço, uns caíam por cima dos outros.*

*Cessou o ruído. Voltou. Que assalto era esse, dilatado no tempo, repetido, confuso?*

- *Olha o diabo daquele escurinho tocando matraca! E a gente com dor de barriga, pensando que era metralhadora!*

*Caíram em cima do garoto que soverteu na multidão. A senhora gorda apareceu, muito vermelha, protestando sempre:*

- *É um assalto! Chuchu por aquele preço é um verdadeiro assalto!*

Fonte: "O assalto", do livro **O poder ultrajovem**. Carlos Drummond de Andrade. Poesia Completa & Prosa, Editora Aguilar, págs. 1246-1247.



A Cenatexto desta aula traz um texto de Carlos Drummond de Andrade. Vamos procurar no dicionário o significado de algumas de suas palavras:

**alvitre.** *S. m.* **1.** Lembrança, sugestão, opinião, arbítrio, proposta, parecer, alvitramento. **2.** *Ant.* Notícia, novidade, nova.

**apinhado.** *Adj.* **1.** Completamente cheio; superlotado. **2.** Amontoado, aglomerado.

**atravancado.** *Adj.* derivado de *atravancar*.

**atravancar.** *V. t. d.* **1.** Impedir com travanca, estorvar, embaraçar, dificultando ou impossibilitando a passagem ou o acesso. **2.** Acumular muitas coisas em um lugar.

**atropelo.** *S. m.* **1.** Ato ou efeito de atropelar; atropelação, atropelamento. **2.** Confusão, baralhada.

**brado.** *S. m.* **1.** *V. clamor.* **2.** Grito.

**consumar.** *V. t. d.* **1.** Terminar, completar, acabar. **2.** Realizar, praticar. **3.** Levar ao auge; aperfeiçoar, requintar.

**dilatado.** *Adj.* **1.** Amplo, largo, extenso. **2.** Desenvolvido, aumentado.

**impelir.** *V. t. d.* **1.** Impulsionar para algum lugar; empurrar, arremessar. **2.** Incitar, estimular, açular, instigar. *V. t. d. e i.* **3.** Obrigar, constranger, coagir. **4.** Incitar, instigar.

**perpetrar.** *V. t. d.* **1.** Cometer, praticar (ato condenável). **2.** Perfazer, realizar.

**provido.** *Adj.* **1.** Que tem abundância do que é necessário; cheio. **2.** Que foi nomeado ou designado para cargo ou função pública. **3.** *Jur.* Diz-se do recurso a que se deu provimento.

**rebuliço.** *S. m.* **1.** Grande barulho ou bulício; bulha. **2.** Agitação, motim, desordem, confusão. **3.** Gente em alvoroço.

**soverter.** *V. t. d.* **1.** *Ant.* Subverter. **2.** *Bras.* Fazer desaparecer; fazer sumir-se; sumir. **3.** *Bras.* Desaparecer, sumir(-se); levar fim.

1. Substitua as palavras destacadas por outras que não alterem o sentido das frases usadas no texto:

a) “Na feira, a gorda senhora protestou a altos **brados** contra o preço do chuchu.”

.....

b) “Houve um **rebuliço**.”

.....

c) (...) “sabia que se estava **perpetrando** um assalto ao banco.”

.....

d) (...) “a ocorrência grave, que fatalmente se estaria **consumando**” (...)

.....

e) “E no **atropelo** da fuga, pacotes rasgavam-se” (...)

.....

f) “Então os passageiros acharam de bom **alvitre** abandonar o veículo” (...)

.....

g) “Caíram em cima do garoto que **soverteu** na multidão.”

.....

2. Procure outras frases na Cenatexto que contenham palavras apresentadas no quadro. Explique o sentido delas.

.....

.....

.....

## Entendimento

1. Que motivo justifica a descida do motorista, do trocador e dos passageiros do ônibus?
2. Qual foi a razão de tanta confusão?
3. Por que a multidão caiu em cima do garoto escurinho que estava no meio da confusão?

## Reescritura



A cena narrada por Carlos Drummond de Andrade apresenta uma situação muito engraçada mas não incomum. As pessoas ouvem um pequeno boato, aumentam, inventam e logo temos uma história enorme, detalhada e cheia de dramas. Já que você sabe como essas coisas acontecem, utilize sua experiência para reescrever o conto de hoje.

Conte tudo o que aconteceu e explique os fatos como se estivesse relatando uma ocorrência qualquer. Imagine que você esteve no local e viu o surgimento de toda aquela confusão. Inicie dizendo que uma senhora gorda foi à feira comprar frutas e verduras. Depois narre os boatos e os fatos que foram acontecendo. Você pode escolher apenas partes da história. Sua reescritura poderia começar da seguinte forma:

*Uma senhora gorda e muito vermelha, que gostava de viver protestando, foi fazer compras na feira. Quando viu o preço do chuchu, ficou furiosa e disse aos berros ao vendedor:*

*- Isto é um assalto!*

*As pessoas que não sabiam do que se tratava ficaram apavoradas, pensando que era mesmo um assalto, e começou uma grande confusão. Quem estava perto da gorda senhora fugiu de medo.*

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

Pela Cenatexto se percebe como as pessoas têm facilidade para exagerar as situações. Inventam acontecimentos e passam a falar das situações imaginárias com riqueza de detalhes. Reflita e discuta com seus amigos as seguintes questões:

1. Por que as pessoas alteram tanto os fatos ao narrá-los?
2. Quais as razões que levariam as pessoas a se ocuparem tanto com as cenas de rua? Seria curiosidade? Necessidade de viver aventuras? Falta do que fazer? Tentativa de tirar algum proveito da situação?
3. Você acha que “quem conta um conto, sempre aumenta um ponto”? Argumente.
4. E no trabalho, como as pessoas devem se comportar em relação às fofocas? Você concorda ou discorda do ditado popular que diz “onde há fumaça, há fogo”?

